



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE PSICOLOGIA**

JOEL LIMA SILVA

AGEÍSMO NA LITERATURA DE CORDEL

**CAMPINA GRANDE - PB
2021**

JOEL LIMA SILVA

AGEÍSMO NA LITERATURA DE CORDEL

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a/ao Coordenação /Departamento do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de bacharelado em Psicologia.

Área de concentração: Ciências Humanas.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria do Carmo Eulálio

**CAMPINA GRANDE - PB
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586a Silva, Joel Lima.
Ageísmo na literatura de cordel [manuscrito] / Joel Lima
Silva. - 2021.
20 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2021.

"Orientação : Profa. Dra. Maria do Carmo Eulálio ,
Coordenação do Curso de Psicologia - CCBS."

1. Ageísmo. 2. Literatura de cordel. 3. Envelhecimento. 4.
Velhice. I. Título

21. ed. CDD 305.26

JOEL LIMA SILVA

AGEÍSMO NA LITERATURA DE CORDEL

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a/ao Coordenação /Departamento do Curso Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Área de concentração: Ciências Humanas.

Aprovada em: 02/07/2021.

BANCA EXAMINADORA.

Maria do Carmo Eulálio

Prof^ª. Dr^ª. Maria do Carmo Eulálio (orientadora)

Edivan Gonçalves da Silva Júnior

Prof^º. Ms. Edivan Gonçalves da Silva Júnior (membro interno)

Ellis Regina Ferreira dos Santos

Prof^ª. Dr^ª. Ellis Regina Ferreira dos Santos (membro externo)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	REFERENCIAL TEÓRICO	6
2.1	A cultura e a produção de significados e crenças	6
2.2	O papel da literatura de cordel na produção cultural	7
2.3	Paradigmas de Velhice e Envelhecimento	8
2.4	Ageísmo	10
3	METODOLOGIA	12
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES	12
5	CONCLUSÃO	17
	REFERÊNCIAS	17

AGEÍSMO NA LITERATURA DE CORDEL

Joel Lima Silva ^{1*}
Maria do Carmo Eulálio ^{2**}

RESUMO

A cultura é uma das principais maneiras de compartilhamento de significados e concepções na sociedade, sendo assim o acesso aos significados que a permeiam permitem conhecer como determinada cultura concebe determinado fato ou objeto. A literatura de cordel é um forte veículo de expressão cultural na região Nordeste, o século XX foi o momento em que houve maior relevância deste gênero literário, no qual até mesmo notícias eram veiculadas, substituindo muitas vezes os jornais. O objetivo deste trabalho foi identificar as concepções sobre a velhice presentes nos volumes do acervo de cordéis da Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida, maior acervo desse tipo de literatura na América Latina. A pesquisa foi do tipo documental, constituído por 50 cordéis que tiveram seus conteúdos analisados por temas e agrupados em três categorias: Ageísmo Estrutural, Estereotipagem Positiva da velhice, Representações Negativas da Velhice. A maior parte das unidades de registro trabalhadas apresentaram conceituações e representações do envelhecimento como uma fase negativa, decrépita e decadente da vida, focando em aspectos como a fragilidade e a inutilidade. Em algumas unidades a velhice foi retratada de maneira positiva, no entanto, também buscava representar fase de fragilidade e conseqüentemente, necessidade de cuidados. Foi possível verificar grande volume de diversos significados negativos referentes a pessoa idosa. Nos cordéis analisados a representação da velhice está integrada ao ageísmo. Em uma sociedade como a nossa que está envelhecendo de maneira rápida, parece fundamental dirimir em gêneros literários preconceitos dirigidos as pessoas mais velhas, de forma que a sociedade como um todo possa desfrutar da transformação de concepções e práticas relacionadas as pessoas idosas.

Palavras-chave: Ageísmo. Literatura de cordel. Velhice. Envelhecimento.

ABSTRACT

The objective of this work is to identify ageism in one of the biggest literary genres in Brazil: Cordel's literature. The culture is one of the main ways of sharing meanings and conceptions in society, and thus, access to the meanings that permeate it allow us to know how a certain culture conceives a certain fact or object. Cordel literature is a strong vehicle of cultural expression in the Northeast region, the 20th century was a moment where there was a greater relevance of this literary genre, in which even news was broadcast, replacing even newspapers. Identifying ageism in cordel literature

^{1*} Discente do Curso de Psicologia, Departamento de Psicologia, UEPB, Campina Grande, PB, joel.uppsi@gmail.com.

^{2**} Professora Doutora do Curso de Psicologia, Departamento de Psicologia, UEPB, Campina Grande, PB, carmitaeulio.uepb@gmail.com

allows us to realize how much the elderly suffer from prejudice in society and how much this prejudice can be harmful to their health and well-being. For this study, the strings that were part of the research "Concepts about old age in string literature" were used, carried out from 2018 to 2019. Thus, in the initial phase of Pre-Analysis, the research corpus consisted of 50 cordéis that presented in their content conceptions about old age. The methodology used was Laurence Bardin's Thematic Categorical Content Analysis. When performing a new reading on the chosen strings, the registration units were separated according to the representations and expressions of prejudice with old age present in the themes. 149 themes were chosen, which after the categorization process were divided into 4 categories: Structural Ageism, Positive Old Age Stereotyping, Old Age Representations and Aging Representations. Most units presented concepts and representations of aging as a negative, decrepit and decaying phase of life, focusing on aspects such as fragility and uselessness, although in some units old age was portrayed with positive points, these also sought to represent a frailty and need for care. It is possible to notice several negative references to the elderly in the material studied, thus we can identify that in the cordel literature the representation of old age is connected to ageism. It is extremely important for a society that is in the process of aging to identify the prejudices aimed at the elderly so that ways of deconstructing and transforming these concepts conveyed in our culture can be idealized.

Keywords: Ageism. Cordel's Literature. Old Age. Aging.

1 INTRODUÇÃO

O cenário mundial está povoado pelo fenômeno do envelhecimento populacional. Esse acontecimento está relacionado a diminuição na taxa de fecundidade e mortalidade, como também o avanço da medicina. Flores (2015) explica que, de acordo com as projeções estatísticas, em 2060 a população idosa chegará a marca de mais de 73,5 milhões de pessoas, correspondendo a população brasileira em 1970.

De acordo com o crescimento dessa faixa etária, as produções científicas passaram a dar relevância aos estudos direcionados para a saúde e o bem-estar dessa população. Com o crescimento de estudos sobre a velhice e o envelhecer, foi construída a noção de que não é um fenômeno ligado apenas às mudanças biológicas, mas também a diversas transformações psíquicas e sociais (ZIMERMAN, 2000).

Dentre os estudos relacionados ao processo de envelhecimento, destacamos aqui o ageísmo. O termo foi utilizado pela primeira vez por Robert Butler em 1969 e representa a intolerância relacionada à idade. O mais peculiar desse preconceito, reconhecido como o terceiro grande "ismo", é que qualquer sujeito que viva o bastante para envelhecer está passível de sofrer discriminação. Este tipo de preconceito constrói uma imagem da pessoa idosa como frágil, decadente, inflexível e improdutiva. Outro grande problema do ageísmo é que de forma diferente dos demais preconceitos, a sua forma de expressão não precisa ser construída necessariamente

através da intenção de ferir do discriminador, tornando difícil sua identificação (COUTO; NOVO; SOARES, 2009).

Dessa forma, o estudo das concepções construídas a respeito da velhice e que são veiculadas em nossa sociedade é importante para que se possa compreender como estas concepções constroem a visão que a sociedade brasileira tem da velhice e de como essa visão influencia na forma em que o sujeito que envelhece vê a si mesmo, de como se relaciona com ela e de como toma consciência da mesma. Partindo de uma ótica sócio-histórica, a consciência surge das interações sociais e do compartilhamento de símbolos e signos em determinado grupo, estes elementos irão tornar possível a interação do indivíduo com o meio em que está envolvido e por sua vez dar estrutura a suas percepções (CARVALHO *et al*, 2010). É a partir da relação intersubjetiva que o homem é capaz de constituir seu mundo e a si mesmo, em uma relação dialética contínua. Se com suas ações o ser humano é capaz de construir e transformar o seu meio, também será construído e transformado através do mesmo, sendo a cultura um elemento importante para tais transformações (HENNINGEN; GUARESCHI, 2006). Sendo assim, é necessário buscar compreender quais as concepções sobre a velhice estão presentes nas expressões culturais do Brasil.

Dentro da nossa cultura, há inúmeras formas de expressão cultural, as artes por sua vez também são participantes na construção de saberes e significados dentro de uma cultura, Segundo Barroco e Superti (2014) na construção destes significados a arte se faz de um elemento de forte influência. Do ponto de vista do artista, a arte é uma síntese feita por ele do recorte social e histórico em que está inserido, produzindo assim um conhecimento em relação a um tema específico. A literatura de cordel é uma das expressões artísticas e literárias do contexto brasileiro, sendo um importante veículo de nossa expressão cultural. Barroso (2006) considera que é importante considerar a cultura como um processo que gera significados, através das práticas sociais e da fusão de elementos com os quais os indivíduos possam realizar suas trocas, significados estes que se manifestam nas produções dos cordéis. Segundo Araújo (2007, p.16) “o poeta de cordel produz saberes que são oriundos de sua leitura da realidade social e de suas vivências cotidianas”, realizando a objetivação das concepções criadas no social sobre determinadas vivências da sociedade que faz parte. Fazendo surgir “uma visão de ser humano e de mundo, que se relaciona com a realidade social em que foi gerado” (ARAÚJO, 2007, p.23).

As representações da velhice que permeiam os discursos veiculados na sociedade brasileira parecem acompanhar a tendência de visão negativa dessa fase da vida que caracteriza o ageísmo. Como percebemos, a cultura é um fator importante na da produção de significados compartilhados entre os indivíduos em sociedade. Sendo a literatura de cordel uma forma de expressão cultural tão comum no Brasil, buscar quais são as concepções de velhice presentes nesta literatura é uma forma de compreender como a velhice é compreendida em nossa cultura.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A cultura e a produção de significados e crenças

Antes de compreender os mecanismos do ageísmo e suas expressões, se faz necessária um percurso sobre os conceitos de cultura e sua relação com a produção de significados e crenças, visto que estas concepções são necessárias a qualquer discussão que pretende compreender algum fenômeno cultural.

A cultura é um conceito abordado por inúmeros autores há um longo tempo, contudo, para este trabalho a definição trazida por Valsiner (2016) apresenta uma abordagem que melhor se adequa ao objetivo de compreender as dimensões em que se constituem os significados em sociedade. Segundo o autor, a cultura pode ser expressa em três formas de relações: No primeiro tipo de relação a pessoa pertence à cultura, ou seja, cada pessoa que é participante de uma cultura é um denominador comum do que aquela cultura representa, sendo ao mesmo tempo parte da comunidade e causa de uma similaridade entre as pessoas pertencentes a determinada cultura (Ex: O brasileiro é a pessoa que pertence à cultura brasileira). O segundo tipo de relação diz respeito à cultura pertencente à pessoa. Nesse caso, a cultura funciona como uma forma de organização dos sistemas psicológicos das pessoas, as ferramentas culturais são internalizadas pelos indivíduos e dessa forma se tornam subjetivas, como que únicas do próprio indivíduo, ainda que mesmo assim estejam direcionadas pela cultura. Sendo assim, a cultura de origem de um indivíduo permanece presente como organizadora de seus sistemas psíquicos ainda que deixe sua nacionalidade de origem e viva, por assim dizer, em outra cultura. O terceiro tipo de relação na cultura é o da pessoa com o ambiente. Nesta relação a cultura passa a ser explicada através dos processos de relação entre indivíduos e os mundos aos quais pertencem. Fazendo uma dissociação entre pessoa e ambiente, a cultura se torna simultaneamente um processo de internalização e externalização onde o indivíduo e sua realidade social se constroem através de sua relação mútua (VALSINER, 2016).

A concepção de que a cultura se expressa através destas relações torna evidente na sua dimensão da realidade social. Sendo assim, a cultura se mostra como uma maneira de acessar o conhecimento de uma sociedade sobre si mesma ou sobre outras sociedades. É através do estudo da cultura e no que se pode encontrar em sua realidade material que descobrimos de quais formas determinadas sociedades se organizam, se movimentam ao longo da história e se constituem, são os símbolos compartilhados dentro da sociedade que formarão a sua cultura. Contudo, é importante ressaltar o elo da cultura ao conhecimento, considerando a sua dimensão de fator para a mudança social. Observando que a cultura dessa forma não se resume apenas a apreensão dos símbolos compartilhados em uma sociedade, mas também das potencialidades que possui para a transformação da realidade. (SANTOS, 2017).

Como podemos observar, a cultura é o universo onde os símbolos compartilhados por uma sociedade repousam. A produção destes símbolos é mediada pela linguagem, ou seja, quando o significado passa do mundo subjetivo para o objetivo se torna simbólico. Através dessa passagem, o símbolo necessita de ser compartilhado em comunidade (na sociedade) e é através desse processo que se constituem os saberes e apreensões da vida de uma determinada cultura. Contudo, é importante reconhecer que por representar essa comunhão de significados a cultura não é única, mas sim heterogênea, apresentando uma variedade de formas de concepção do mundo (ANDRADE, 2018). A produção cultural, portanto, é o veículo pelo qual os indivíduos de uma determinada cultura produzem e compartilham significados e constroem variadas formas de concepção da realidade e do mundo.

2.2 O papel da Literatura de Cordel na produção cultural.

Para Haurélio (2018), a literatura de cordel é patrimônio cultural do Brasil, tendo sua origem remetida aos trovadores europeus, sendo reconhecida como parte da literatura oral. No Brasil teve como uma das finalidades principais a retratação da realidade, servindo como espelho social. Meneses (2019) elaborou uma série de dimensões culturais das práticas sociais experienciadas pelas comunidades que estão envolvidas pela literatura de cordel. Dentre estas dimensões, quatro se fazem de grande interesse para este trabalho, pois demonstram a capacidade de registro de ideias que o cordel resguarda, são elas: A dimensão expressiva, a dimensão histórica, a dimensão memorial-identitária e a dimensão pragmática. A dimensão expressiva no cordel está no poder de ação da palavra, não se trata apenas do fato de proferir significantes, mas que através dessa expressão haja a potencialidade para a transformação da realidade. A dimensão histórica não está relacionada apenas com a capacidade do cordel de ser uma representação da realidade de uma época, tal qual um documento, mas além disso aparenta ser um registro imaginário de um povo, da sua capacidade de imaginar e, portanto, da capacidade desse povo de recriar a realidade que participa. A dimensão memorial-identitária está relacionada com a capacidade que o cordel possui de se fazer representativo do que se entende por identidade nordestina, por salvaguardar as memórias e formas de existência do Nordeste. Por fim, a dimensão pragmática resume o que as demais dimensões se propõem: Demonstrar o cordel para além de uma forma de literatura que expressa informações, mas sim que transforma tais informações em novas formas de apreensão do mundo (MENESES, 2019).

Como podemos perceber, a literatura de cordel é reflexo dos valores, crenças e significados que circulam no imaginário brasileiro. Sendo assim, carrega consigo uma carga simbólica que nos apresenta a perspectiva do mundo do Brasileiro. O acesso às significações da velhice dentro da literatura de cordel nos dá a possibilidade de compreender como o idoso é pensado na nossa cultura.

2.3 Paradigmas de Velhice e Envelhecimento

A construção do conhecimento a respeito da velhice e do envelhecimento data os seus primeiros vestígios com os avanços da industrialização ao final do século XVIII e o conseqüente surgimento das demandas da classe trabalhadora. Inicialmente, por cargas de trabalho exaustivas e condições precárias de vida a maior parte dos jovens trabalhadores não chega a uma idade avançada, em razão disso as concepções de velhice da época eram relacionadas aos padrões de vida das classes dominantes, tendo em vista que estes eram a maioria dos sujeitos que alcançavam idades mais longevas devido ao acesso aos recursos que acumulavam ao longo da vida e as suas influências na vida pública. Contudo, como na classe trabalhadora poucos sujeitos conseguiam chegar à velhice, e quando o faziam se viam em condições de vida deploráveis de abandono ou entregues aos cuidados de suas famílias que também não tinham condições suficientes para esse cuidado. Estas condições da velhice faziam com que as suas vicissitudes não fossem debatidas ou discutidas em sociedade, restando aos mais velhos, ou melhor aos poucos que conseguiam alcançar a velhice, o esquecimento e a negligência.

Tais formas de envelhecimento só passaram a ser estudadas e transformadas em razão da necessidade da manutenção do sistema de reprodução capitalista, embora que os limites desse avanço científico fossem impostos pelo próprio, tendo

em vista a necessidade de manter a longevidade da classe operária. Esses estudos foram a gênese da Gerontologia e se desenvolveram nesse contexto pela prática médica em relação aos aspectos orgânicos, epidemiológicos e fisiológicos das fragilidades que surgem com o envelhecimento (KELLER, 2017). Esse foco no aspecto orgânico do envelhecimento no início do século XX pode ter sido um fator importante na produção do estereótipo da velhice relacionada à enfermidade e ao declínio.

As produções científicas dessa época seguiram investigando o envelhecimento através da perspectiva de ciclos de vida, especialmente com o surgimento da psicologia do desenvolvimento levando em conta o caráter biológico das suas fases e ignorando os aspectos históricos, sociais e econômicos que o influenciam. Os estudos dentro desta perspectiva apontaram por mais da metade do século XX a existência de um desenvolvimento que se desenrolava por crescimento, culminância e contração, apontamentos estes que acompanhados por uma produção cultural, artística e filosófica ajudaram a consolidar uma concepção da velhice marcada pela degenerescência. Essa concepção por sua vez influenciou a forma de vida da sociedade em muitos aspectos, inclusive na maneira em que a humanidade via a si mesma (NÉRI, 2006).

Com o avançar do século XX novas questões e desafios começaram a mudar o campo do conhecimento sobre a velhice, com as difíceis condições da classe operária, uma série de movimentos sociais reivindicando os direitos dessa classe começaram a surgir em todo o mundo. Alguns desses direitos trouxeram mudanças importantes para os trabalhadores, o que acabou influenciando em melhorias nas suas condições de vida e de trabalho. Tais mudanças estão associadas com fenômenos demográficos como o aumento da população idosa mundial e a necessidade de atenção a essa população. Essas mudanças acarretaram também em direitos trabalhistas para aqueles que agora envelheciam e saíam do mercado de trabalho, a previdência foi um destes direitos conquistados. O aumento da população idosa e o surgimento da previdência foram de grande relevância para o avanço nos estudos sobre o processo de envelhecimento. Esses fatores abriram discussões sobre variáveis que antes não eram consideradas a respeito do envelhecimento. O contexto social e as questões psicológicas passaram a ser consideradas nos estudos em relação à velhice e outras áreas das ciências diferentes das médicas passaram a apropriar-se do conhecimento acerca da temática. Esta movimentação garantiu uma evolução da Gerontologia e sua consequente superação do modelo geriátrico médico. A velhice a partir desse momento começa a ser percebida sob outras perspectivas (KELLER, 2017).

O aumento da população idosa trouxe desafios para a ciência em razão das consequências desse fenômeno. Agora, com uma quantidade maior de idosos se tornava necessário pensar em soluções que viabilizassem melhores condições de vida para essa parte da população. Questões como a previdência mencionada anteriormente, desafios para a manutenção da saúde dos idosos, a ocupação do tempo ocioso e a preparação para a aposentadoria foram temáticas iniciais estudadas para as melhorias direcionadas aos mais velhos. Nesse momento começam surgir movimentações para o desenvolvimento de atividades, em especial programações que buscavam ocupar o tempo livre e de promover educação para os idosos, como por exemplo os cursos universitários direcionados a esta população.

Manter a população idosa saudável torna-se prioridade e interesse da ciência uma vez que a manutenção dos gastos com saúde pode se tornar onerosos se estas pessoas adoecem. O crescimento do número de idosos trouxe a necessidade de

investigar novos perfis epidemiológicos desse grupo populacional, com isso, pesquisar e elaborar formas de prevenir problemas futuros durante a vida e lidar com as perdas orgânicas que surgem com o envelhecimento para amenizá-las se tornou o que chamamos de “envelhecimento bem-sucedido”. Toda essa mudança no paradigma de como a velhice era concebida foi acompanhada por uma transformação sociocultural de como a velhice é reconhecida (NERI, 2009).

Muitas abordagens científicas foram criadas ao longo do século XX relacionadas ao envelhecimento. Como vimos, o início dos paradigmas científicos de velhice e envelhecimento focaram nos aspectos puramente biológicos do processo de desenvolvimento, delegando a velhice ao declínio evolutivo. Depois das transformações populacionais, o aumento e o avanço dos estudos sobre o envelhecimento e a evolução da Gerontologia, à velhice foi apresentada novas faces e sendo reconhecida como uma fase do desenvolvimento que envolve muito mais do que o declínio biológico, considerando fatores antes não vistos.

Um dos mais importantes paradigmas do envelhecimento é o do desenvolvimento ao longo de toda a vida (Lifespan) proposto por Paul Baltes (1980). Este paradigma concilia a ideia de interação das bases ontogenéticas do desenvolvimento com as mudanças consideradas pelo paradigma de desenvolvimento pelos cursos de vida. Esta abordagem considera que existem três formas de influência no processo de envelhecimento e desenvolvimento da vida dos indivíduos. A primeira influência seria definida pelas mudanças graduadas por idade, que acontecem de acordo com a passagem do tempo e são de maior ou menor intensidade de acordo com a época da vida, geralmente as épocas com maior intensidade de influência são a infância, considerando a maturação, e o envelhecimento, considerando as perdas orgânicas. A segunda influência contempla as intervenções históricas pelas quais sujeitos que nasceram em uma época passaram. A terceira influência contempla as transformações não normativas que podem acontecer a qualquer sujeito, surgem de acordo com lógica e sentidos próprios e demandam recursos dos indivíduos para o seu enfrentamento (NERI, 2006).

Como podemos ver, a velhice passou por diversos paradigmas desde quando começou a ser considerada pela ciência e se tornar temática de investigações. É evidente que tais visões e concepções fizeram parte da construção das representações que a humanidade construiu ao longo do último século a respeito da velhice e estão intrinsecamente ligadas também aos preconceitos relacionados à velhice e a quem envelhece.

2.4 Ageísmo

O preconceito com os sujeitos mais velhos surge como uma grande questão para as ciências que estudam o envelhecimento, tendo em vista os malefícios que a vivência de uma sociedade que enxerga com desvalorização estes indivíduos podem trazer para a sua saúde e qualidade de vida. Conhecido como Ageísmo ou Idadismo o preconceito com as pessoas mais velhas é veiculado através de discursos da maioria das pessoas, carregados de estereótipos a respeito da velhice, geralmente negativas. Assim como os demais preconceitos, o Ageísmo se torna um instrumento de exclusão social, buscando tornar naturais as suas conceituações, resultando em intensa discriminação para o alvo de sua opressão. O ageísmo se constrói através de uma visão de ignorância da humanidade do outro, dessa forma desconsiderando de que as ações de fatores inexoráveis da vida sejam inerentes a qualquer pessoa. Os discursos preconceituosos endereçados a faixa etária de mais idade evidenciam o

desconhecimento por grande parte das pessoas da heterogeneidade do envelhecimento (SOUSA et. al, 2014).

O ageísmo pode ser expresso na violência com os mais velhos de forma mais ampla na sociedade ou até mesmo dentro de núcleos mais específicos, como as próprias famílias. Geralmente se apresenta nas atitudes de negligência e abusos, ou até mesmo maus tratos. Contudo, servindo de conceituação para todas essas atitudes, o ageísmo se constrói através de uma concepção equivocada sobre o que é ser uma pessoa que envelhece. Tal concepção por não sofrer contestações ou questionamentos por parte dos jovens ou até mesmo dos próprios indivíduos mais velhos se reverbera em intensa discriminação direcionada aos idosos em diversas instâncias sociais, viabilizada através do discurso preconceituoso manifesto. Os efeitos dessa discriminação expõem os mais velhos a consequências subjetivas danosas, uma vez que afetam a auto-estima do idoso e o reconhecimento de sua posição na família e sociedade. Além disso, o ageísmo dificulta a possibilidade de construção de relações intergeracionais saudáveis, que são de grande importância para uma convivência produtiva (COUTO; NOVO; SOARES, 2009).

O ageísmo está pautado principalmente em uma forma de reconhecimento da velhice como símbolo de degeneração e decadência, assim como também a proximidade com a morte. A construção midiática reproduz um modelo de envelhecimento que não abre espaço para as condições reais do envelhecer, até mesmo nos filmes que outrora celebravam a juventude de seus atores principais, são refeitos dessa vez com os mesmos atores em idade mais avançada, contudo utilizando de artifícios para esconder os efeitos do envelhecimento em seus corpos, a ideia é que apareçam nas telas como se jamais houvessem envelhecido. A juventude se coloca nessa conjuntura como um modelo de excelência de saúde fazendo com que a velhice seja vista como algo vergonhoso e que precisa ser escondida, o corpo jovem é apresentado nas mídias enquanto o corpo velho é combatido (CASTRO, 2016).

A reprodução das concepções negativas sobre a velhice estão presentes nos mais variados campos da vida em sociedade. No mundo do trabalho, a representação do idoso como alguém inapto para o trabalho impede que muitos desses indivíduos tenham acesso ao mercado de trabalho. Embora o trabalho para idosos seja um direito garantido por lei, muitos processos seletivos promovem a exclusão de uma determinada faixa etária da possibilidade de emprego. A ideia de que o idoso será incapaz de exercer o seu trabalho em decorrência das fragilidades e da degenerescência associada à velhice são motivos frequentes para dificuldade dos idosos na entrada no mercado de trabalho. Contudo, quando se é questionado aos gestores das corporações quais imagens associam aos idosos em suas empresas, as respostas evidenciam pontos positivos como a experiência e capacidade para resolução de problemas (LINHARES; AGUIAR, 2019).

O estudo das concepções negativas do ageísmo é de extrema importância para o desenvolvimento da população brasileira. Considerando que tais concepções podem definir como o sujeito idoso é pensado em sociedade, as políticas públicas podem levar em consideração uma representação equivocada sobre a velhice, o que pode prejudicar a vida de qualquer indivíduo que envelheça. A produção de conhecimento acerca da velhice, bem como apontamentos para um envelhecimento saudável viabilizarão a desconstrução desse preconceito e a garantia de melhores condições de vida para essa parte da população (FERREIRA, 2020).

3 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo qualitativo, do tipo documental, “busca identificar informações factuais nos documentos a partir de questões e hipóteses de interesse” (CAULLEY *apud* SÁ-SILVA *et al*, 2009), exploratório e retrospectivo. dos cordéis pertencentes ao acervo da Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida que apresentassem nos títulos os termos "Velho", "Velha", "Idoso", "Idosa", "Velhice" e "Envelhecimento" e que houvessem sido publicados até o ano de 2018, em que a pesquisa foi realizada. Este acervo foi escolhido em específico por essa biblioteca conter o maior acervo em literatura de cordel da América Latina.

A análise foi realizada por meio da Análise Categrical Temática de Conteúdo de Laurence Bardin (2016), que consiste nos seguintes passos: A *Pré-Análise* (Leitura Flutuante, Constituição do Corpus), *Exploração do Material* (Recorte do texto em unidades de registro, escolha das regras de contagem e classificação e junção dos dados em categorias) e *Interpretação dos dados obtidos* (Interpretação e Análise das categorias).

A fase inicial de Pré-Análise, o corpus da pesquisa foi constituído por 50 cordéis que apresentavam em seu conteúdo concepções acerca da velhice. Em seguida, na fase de Exploração do Material, a unidade de registro escolhida foi o tema que segundo Bardin (2016) "corresponde a uma regra de recorte (do sentido e não da forma) que não é fornecida, visto que o recorte depende do nível de análise e não de manifestações formais reguladas".

Ao realizar uma nova leitura nos cordéis escolhidos, as unidades de registro foram separadas de acordo com as representações e expressões de preconceitos com a velhice presentes nos temas. Foram selecionados 150 temas, após o processo de categorização foram divididos em 3 categorias: Ageismo Estrutural, Estereotipagem Positiva da velhice e Representações Negativas da Velhice. As categorias seguiram os critérios de organização direcionados por Bardin (2016): A exclusão mútua, homogeneidade, pertinência, objetividade e fidelidade e a produtividade.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise do discurso dos 150 temas resultou em 3 categorias: Ageismo Estrutural, Estereotipagem Positiva da velhice e Representações Negativas da Velhice. A Tabela apresenta uma maior quantidade de temas na categoria “Representações negativas da Velhice” com 78,7% das unidades de registro. A segunda categoria com uma grande quantidade de temas é a categoria “Estereotipagem positiva da velhice” que contabiliza 15,3% das unidades analisadas. A última categoria “Ageismo Estrutural” apresenta menos de 10% dos temas encontrados.

Tabela 1. Categorias de Análise

Categorias	N	%
Ageismo Estrutural	9	6

Estereotipagem Positiva da Velhice	23	15,3
Representações negativas da Velhice	118	78,7
Total	150	100%

Como podemos ver na Tabela 1, A predominância de representações negativas da velhice reitera a visão representada no ageísmo, uma vez que preconceito se caracteriza pelas imagens de negatividade da velhice. Tais representações geralmente são dirigidas pelos indivíduos mais jovens em relação aos mais velhos de forma estereotipada. É importante ressaltar que não apenas os efeitos negativos de tais estereótipos, mas também a predominância e insistência dessas representações nos discursos veiculados no dia a dia, que parecem não diminuir ou serem alterados. São percebidos também alguns estereótipos que parecem se dirigir de forma positiva em relação à velhice, que acabam por sua vez sendo indiscriminados e podem ser considerados negativos (SOUSA et. al, 2014). A seguir pode-se observar o ageísmo estrutural.

Tabela 2. Ageísmo Estrutural

Variáveis	N	%
Perda de Direitos	4	44.4
Perda de Status	5	55.6
Total	9	100%

O ageísmo apresenta uma expressão estrutural, como podemos ver na Tabela 2, as unidades de registro dessa categoria fazem alusão às perdas de direitos e de status social que ocorrem na velhice, como por exemplo no trecho a seguir:

“Para o que já se fez, o idoso quer muito mais, se tem feijão e farinha, mas ainda falta o gás, estudando bem o caso o idoso está para trás” (Alzira Paulino da Silva, 1982).

A perda de direitos, está geralmente ligada a uma conjuntura econômica que através da aposentadoria compulsória ou forçada faz com que as condições financeiras dos idosos sejam afetadas e surjam limitações ao acesso aos cuidados de saúde (SOUSA et. al, 2014). Segundo Cockell (2014), a reforma previdenciária fez com que os trabalhadores brasileiros se aposentassem mais tarde, tendo em vista a redução das perdas no benefício devido ao fator previdenciário, usando para isso dos requisitos de idade mínima e tempo de contribuição. Contudo, os brasileiros costumam entrar muito cedo no mercado de trabalho e por essa razão desejam se aposentar mais cedo, acarretando como consequência a diminuição dos valores das aposentadorias. Nessa perspectiva há uma certa diferença em como a aposentadoria é percebida pelos trabalhadores em razão de suas classes sociais. Nas classes mais baixas é comum que o trabalhador perceba a aposentadoria como um valor constante e seguro, por vezes maiores ao que se recebia antes do benefício, já em classes mais altas a aposentadoria é vista como uma queda de renda, relativa à perda de gratificações recebidas anteriormente ao benefício (COCKELL, 2014). Dessa forma,

em alguns casos a aposentadoria pode ser vista como a entrada em uma fase onde os direitos e o reconhecimento outrora percebido parece se perder. A tabela 3 abordará o que há de positivo na velhice retratada pelos cordéis.

Tabela 3. Estereotipagem Positiva da Velhice

Variáveis	n	%
Necessidade de Atenção	17	73,9
Necessidade de Cuidados	4	17,4
Sabedoria	2	8,7
Total	23	100%

Na tabela 3 as unidades de registro representam visões que se dirigem aos mais velhos formando estereótipos positivos. A maior parte desses estereótipos está focada em falar de uma velhice que inspira cuidados e atenção, evidenciando que para tais necessidades há uma fragilidade intrínseca à velhice, como pode ser observada a seguir

“E o idoso também merece ser respeitado, por ser pessoa carente, estar velho, estar cansado, mais tem família que deixa seu próprio pai desprezado” (Dorgival Hilario; Marcio Camilo, s.d.).

Retratando que a condição do idoso de merecimento de respeito se dá por ser uma pessoa carente e que está cansado por ser velho e que o cuidado com estas pessoas precisa ser constante. Esta condição, por sua vez, pode estar relacionada à noção de incapacidade dos idosos de cuidarem de si mesmos. A incapacidade é vista no modo tradicional de atenção à saúde como algo de responsabilidade do indivíduo e que suas atividades e expectativas estejam relacionadas com as suas limitações pessoais (GIACOMIN; FIRMO, 2015).

Em outro cordel podemos também perceber a visão da necessidade de atenção dos idosos:

“Envelhecer é caminho que todos nós percorremos, do jeito que aos nossos pais enorme trabalhos demos, quando eles envelhecem da mesma forma merecem o amor que lhe devemos” (Manoel Monteiro da Silva, 2005).

A atenção que se deve aos idosos, parece uma dívida em relação a atenção que nos foi dada em outra época da vida da qual não tínhamos a capacidade de nos cuidarmos por nós mesmos: A infância. Essa visão pode ser problemática no sentido de falar de uma velhice que necessita de atenção por estar equiparável ao desamparo e incapacidade e falta de autonomia da infância.

Na perspectiva biomédica, os indivíduos que mantêm hábitos de cuidados com sua própria saúde podem viver melhor e por mais tempo, desconsiderando assim outros fatores que influenciam na disposição do indivíduo para o cuidado com a própria saúde, como a família, a sociedade e o poder público (PEREIRA; GIACOMIN; FIRMO, 2015). Dessa forma, esta visão de que a velhice inspira cuidados representa um estereótipo de que seja um momento da vida onde há fragilidade, incapacidade e dependência, desconsiderando as condições sociais, econômicas e culturais que influenciam nesse processo.

Contudo, podemos também perceber que um pequeno percentual das unidades de registro dessa categoria está destinada a representação da velhice como ter sabedoria, como pode ser verificado em uma frase de um dos cordéis estudado:

“Um preto velho de luz fala pouco e nunca erra, prega a paz reconfortante, repele a sangrenta guerra e presta contas de tudo quanto fala aqui na terra” (Gonçalo Ferreira da Silva, s.d.)

Esta relação da velhice com a sabedoria é construída pela noção de que pelo acúmulo de experiências ao longo da vida os mais velhos são dotados de mais discernimento que os mais jovens. Segundo o estudo de Rabelo e Arruda (2020), os indivíduos representam a velhice como o acúmulo das experiências através das fases de desenvolvimento da vida e que a maturidade é alcançada ao envelhecer. Estas representações positivas, perfaz uma minoria na representação sobre a velhice, fato que pode ser considerado lamentável, pois é importante para a auto-estima dos mais velhos e pode manter seu bem-estar.

Na Tabela 4 estão as unidades de registro com os estereótipos relacionados à Velhice caracterizam as faces negativas do sujeito que já é velho, e também estereótipos relacionados ao envelhecimento evidenciam características negativas do processo de envelhecer.

Tabela 4. Representações Negativas da Velhice

Variáveis	n	%
Decrepitude	46	38,9
Sexualidade Atípica	21	17,8
Retratação Corporal Negativa	17	14,4
Idoso x Jovem	21	17,8
Fraqueza	8	6,9
Isolamento	5	4,2
Total	118	100%

Na tabela 4, podemos perceber que mais da metade das unidades de registro representam aspectos negativos da velhice, associadas ao declínio da vida e perdas. Nas variáveis “Decrepitude”, Retratação Corporal Negativa” e “Fraqueza”, as unidades de registro se dedicavam não apenas a apontar os pontos negativos no corpo e na potencialidade dos indivíduos mais velhos, mas também relacionaram essa etapa do desenvolvimento à tristeza e decadência, como pode ser verificado no trecho de um dos cordéis:

“O que é velho é remoto, é negativo, é ruim, é qual um álbum de foto, é a ante-sala do fim, faz parte da neo-cultura, é a porta da sepultura, por que tem que ser assim?” (Salete Maria da Silva, 2003).

Importante a percepção de como no exemplo acima, apesar da descrição negativa da fase da velhice, a autora abre margens para a discussão desse modelo

como real ao questionar ao final da sentença de qual a razão de que a velhice seja reconhecida dessa forma.

Estas representações corroboram com Vieira e Maciel (2020) quando se referem a velhice vista socialmente como improdutiva e inútil. É fato que na realidade a velhice impõe aos sujeitos limitações que surgem com o passar do tempo. Assim sendo, existe a possibilidade de adoecer com mais facilidade e passar um tempo maior para a recuperação, contudo isto não significa que os sujeitos mais velhos sejam totalmente incapazes ou inúteis.

Para entendermos melhor qual é a fonte conceitual do ageísmo, é importante observarmos as unidades de registro da variável “Idoso x Jovem como parâmetro de comparação entre a juventude e a velhice, apontando pontos positivos de uma fase em detrimento a pontos negativos da outra, como no seguinte extrato:

“A mocidade é perfume que tem essência da flor, no moço reina o prazer, no velho impera o pavor. O moço sonha acordado, o velho vive curvado, tem por carinho a dor” (Severino Cesário da Silva, s.d.)

Essa comparação que delega a velhice para os lugares evidenciados nas outras categorias (Decrepitude, fraqueza, etc.) surge de uma representação social de que a produtividade é uma característica apenas dos indivíduos jovens. Segundo Vieira e Maciel (2020), os aspectos imediatistas da contemporaneidade, e o crescente foco no consumo e produtividade fazem com que a figura do idoso seja rejeitada, relegada para o território da terminalidade da vida.

De forma semelhante, as demais variáveis associam a velhice como a fase da vida aonde a sexualidade é inexistente, inativa ou atípica, relacionada por exemplo, a “enxerimento”, isto é, a sexualidade não faz parte dessa fase da vida, isto pode ser exemplificado a seguir:

“Disse o rapaz: - Muito bem, dê-me um abraço querida, a velha deu-lhe um abraço, vinte beijos em seguida, o rapaz pensou consigo: - Eita velhota enxerida.” (Manoel Caboclo e Silva, s.d.)

Para Oliveira *et al.* (2021), esta concepção repete mais uma vez a visão de declínio da velhice como algo definitivo, ignorando que a sexualidade também faça parte da velhice e mantenha suas potencialidades, mesmo que de maneira diferente em outras fases da vida. É fato de que assim como as demais perdas dos indivíduos mais velhos, a sexualidade também passará por transformações, contudo isso não representa de nenhuma forma que a sexualidade tenha sido extinta.

A conjuntura das visões negativas e preconceituosas, com a constante comparação em relação com a juventude e a relação com inúmeros fatores socioeconômicos, vão trazer para os sujeitos mais velhos, algo que é evidenciado nos cordéis através da variável “Isolamento”, como pode ser verificado em um fragmento de um dos cordéis:

“Porque tem velho que passa por restrições singulares, vindas dos próprios parentes já no recesso dos lares, ou exclusão disfarçada na estadia forçada das reclusões azilares” (Manoel Monteiro da Silva, 2005)

Nesta categoria as unidades de registro representam situações que evidenciam o descaso que é tomado com os mais velhos, aparentemente fruto desse movimento de afastamento do idoso da sociedade produtiva. A própria visão de declínio, isola os idosos vida social e passam a se tornar menos sociáveis, calorosos e afetivos (COSTA *et. al.*, 2020).

Se considerarmos que a perspectiva acerca da velhice e do envelhecimento é tomada quase que completamente por representações negativas, como será vivida a experiência do sujeito sobre sua própria velhice? Para Vieira e Maciel (2020) ao

naturalizar o aspecto de declínio biológico do envelhecimento como única maneira possível de envelhecer, podemos estar entregando os sujeitos a uma vivência insalubre de sua própria velhice. É importante continuarmos em discussão acadêmica, na busca de romper com essa conceituação decadente da velhice, para criarmos uma concepção da velhice de forma mais humana e que possa viabilizar ao sujeito se reconhecer como ativo no seu processo de envelhecimento.

5 CONCLUSÃO

A velhice e o processo de envelhecimento são uma temática de discussão de longos anos na ciência. O avanço do envelhecimento populacional em muitas nacionalidades pelo mundo criou o cerne dessa discussão, além dos avanços teóricos nas teorias do desenvolvimento. Essa movimentação acadêmica criou vários paradigmas a respeito da velhice o que é de extrema importância para que possamos construir ao passar do tempo mais informações sobre esta área e poder apresentar possibilidade de maior conhecimento sobre o envelhecimento e se poder envelhecer de forma mais saudável.

Diante dessa questão, um dos pontos marcantes que carece de ser estudado é o preconceito com aqueles que envelhecem. As visões negativas sobre a velhice contribuem para que ela seja sempre associada a fragilidade e incapacidade, o que acaba por situar o idoso em um lugar de vulnerabilidade e dependência, o que claramente não deve ser referência para todos os casos. Tais contextos discriminatórios podem ser nocivos à saúde do idoso, pois caso se identifique com estas representações, o idoso poderá se isolar por não se sentir incluso em sociedade e em razão disso estar suscetível ao sofrimento psíquico.

É necessário então, fortalecer os estudos acerca do ageísmo e de como estas representações negativas estão permeadas por entre os discursos que são veiculados na nossa cultura e sociedade. Identificar estes discursos poderá ser um caminho para que possamos construir no conhecimento científico, estratégias para o combate a esse tipo de preconceito.

Apesar de ser uma apresentação sobre uma vasta quantidade de obras literárias em cordel e das representações da velhice que estavam em tais obras, este trabalho sofre de limitações se considerarmos que foram trabalhados apenas as obras de um único acervo e de uma única forma de expressão cultural. Estudar outras formas de produção cultural é um caminho para que possamos descobrir como estes discursos são construídos e veiculados em nossa cultura.

Por fim, ao identificarmos as concepções preconceituosas a respeito da velhice, o trabalho terá apenas começado. O desafio maior talvez não seja apenas identificar as concepções, mas sim construir formas de desconstruí-las para que uma sociedade que esteja mais preocupada com os idosos e com o envelhecimento possa surgir. Um trabalho que precisará do empenho tanto de políticas públicas, como também dos veículos de mídia, e da sociedade como um todo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA VIEIRA, Renata; MACIEL, Lizete Shizue Bomura. **Melhor idade, ou naturalização da velhice e produção de preconceitos?**. Série-Estudos-Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB, 2020.

ANDRADE, Mirnah Leite MM. **O potencial emancipatório da produção cultural na relação entre mundo sistêmico e mundo da vida.** Revista Confluências Culturais, v. 7, n. 1, p. 50-59, 2018.

ARAUJO, Patricia Cristina de Aragao. **A cultura dos cordéis: território (s) de tessitura de Saberes.** 2007. 257 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2007.

BALTES. P. B., REESE, H.W., LIPSITT L.P.. **Life-span developmental psychology.** Annu Rev Psychol. 1980; 31: 65-110.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo.** Edições 70. São Paulo – SP, 2016.

BARROCO, Sonia Mari Shima; SUPERTI, Tatiane. **Vigotski e o estudo da psicologia da arte: contribuições para o desenvolvimento humano.** Psicol. Soc., Belo Horizonte , v. 26, n. 1, p. 22-31, Apr. 2014

BARROSO, Maria Helenice. **Os cordelistas no D.F.: dedilhando a viola, contando a história.** 2006. 168 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

FLORES, Luis Patricio Ortiz. **O envelhecimento da população brasileira.** Revista Eletrônica do Departamento de Ciências Contábeis & Departamento de Atuária e Métodos Quantitativos (REDECA), v. 2, n. 1, p. 86-100, 2015.

CARVALHO, Maria Aparecida Alves Sobreira et al . **A formação do conceito de consciência em Vygotsky¹ e suas contribuições à Psicologia.** Arq. bras. psicol., Rio de Janeiro , v. 62, n. 3, p. 13-22, 2010.

CASTRO, Gisela GS. **O idadismo como viés cultural: refletindo sobre a produção de sentidos para a velhice em nossos dias.** Galáxia (São Paulo), n. 31, p. 79-91, 2016.

COCKELL, Fernanda Flávia. **Idosos aposentados no mercado de trabalho informal: trajetórias ocupacionais na construção civil.** Psicologia & Sociedade, v. 26, n. 2, p. 461-471, 2014.

COSTA, Silvia MM et al. **Aspectos sociais das relações entre depressão e isolamento dos idosos.** GIGAPP Estudos Working Papers, v. 7, n. 150-165, p. 292-308, 2020.

COUTO, Maria Clara P. et al. **Avaliação de discriminação contra idosos em contexto brasileiro-ageísmo.** Psicologia: Teoria e Pesquisa, v. 25, n. 4, p. 509-518, 2009.

FERREIRA, Vitor Hugo Sales; LEÃO, Luiza Rosa Bezerra; FAUSTINO, Andrea Mathes. **Ageísmo, políticas públicas voltadas para população idosa e participação social.** Revista Eletrônica Acervo Saúde, n. 42, p. e2816-e2816, 2020.

GIACOMIN, Karla Cristina; FIRMO, Josélia Oliveira Araújo. **Velhice, incapacidade e cuidado na saúde pública.** Ciência & Saúde Coletiva, v. 20, p. 3631-3640, 2015.

- HAURÉLIO, Marco. **Breve história da literatura de cordel**. Claridade, 2018.
- HENNIGEN, Inês; GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima. **A subjetivação na perspectiva dos estudos culturais e foucaultianos**. *Psicol. educ.*, São Paulo, n. 23, p. 57-74, dez. 2006.
- KELLER, Suellen Bezerra Alves; PERUZZO, Juliane Feix. **Paradigmas da Gerontologia: quando o envelhecimento humano se transforma em objeto de conhecimento**. *Revista Kairós: Gerontologia*, v. 20, n. 3, p. 329-348, 2017.
- LINHARES, Lorena Pam; AGUIAR, Carolina Villa Nova. **IDOSO NO TRABALHO**. *Revista Psicologia & Saberes*, v. 8, n. 13, p. 59-75, 2019.
- MENESES, Ulpiano T. **A literatura de cordel como patrimônio cultural**. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 72, p. 225-244, 2019.
- NERI, Anita Liberasso. **Atitudes e Crenças sobre Velhice: Análise de Conteúdo de Textos do Jornal O Estado de São Paulo publicados entre 1995 e 2002**. In: SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes Von; NERI, Anita Liberasso; CACHIONI, Meire. **As múltiplas faces da velhice no Brasil**. Campinas: Alínea, 2006. (13-53).
- OLIVEIRA, Richardson Lemos et al. **Velhice e sexualidade na pós-modernidade: um estudo sobre o corpo e o prazer**. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 2, p. e28410212628-e28410212628, 2021.
- PEREIRA, Josianne Katherine; GIACOMIN, Karla Cristina; FIRMO, Josélia Oliveira Araújo. **A funcionalidade e incapacidade na velhice: ficar ou não ficar quieto**. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 31, p. 1451-1459, 2015.
- RABELO, Vannessa de Resende Cardoso; ARRUDA, Angela. **REPRESENTAÇÕES EM CONSTRUÇÃO ENTRE IDOSAS E JOVENS EXPOSTOS A NOVAS PRÁTICAS SOCIAIS NA VELHICE**. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 63-82, 2020.
- SANTOS, José Luiz. **O que é cultura**. Brasiliense, 2017.
- SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristovão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. **Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas**. *Revista Brasileira de História e Ciências Sociais*, Rio Grande do Sul, v. 1, n. 1, p.1-15, 2009.
- SOUSA, Ana Carla Santos Nogueira et al. **Alguns apontamentos sobre o idadismo: a posição de pessoas idosas diante desse agravo à sua subjetividade**. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, v. 19, n. 3, 2014.
- VALSINER, Jaan. **Fundamentos da psicologia cultural: mundos da mente, mundos da vida**. Artmed Editora, 2016.
- ZIMERMAN, Guite I. **Velhice: aspectos biopsicossociais**. Porto Alegre. Atmed, 2000.

REFERENCIAS DOS TRECHOS DE CORDÉIS UTILZADOS:

- CAMILO, Marcio. HILARIO, Dorgival. **A Criança e o Idoso**. s.l.. s.d..
- SILVA, Alzira Paulino da. **O Ano do idoso**. Fortaleza - CE. 1982
- SILVA, Gonçalo Ferreira da. **Luz de um Preto Velho**. Rido de Janeiro - RJ. s.d..
- SILVA, Manoel Caboclo e. **O Namoro da Velha Debaixo da Cama**. Juazeiro do Norte - CE. s.d..
- SILVA, Manoel Monteiro da. **O Brasil Idoso, Um País de Cabelos Brancos**. Campina Grande - PB. 2005.
- SILVA, Salete Maria da. **O que é a Velhice?**. Juazeiro do Norte - CE. 2003.
- SILVA, Severino Cesário da. **A Velhice dando Adeus a Mocidade**. s.l.. s.d..

AGRADECIMENTOS

À professora Maria do Carmo por acreditar em mim e dar oportunidade para que eu pudesse desenvolver habilidades variadas durante o curso e por me oferecer o suporte necessário a aquisição de conhecimento para me inspirar em ser um dia cientista.

A meu pai, Geraldo, que também apostou todos os seus esforços diários e contínuos para que em nenhum momento eu desistisse de conquistar o nível superior, e que infelizmente não pôde estar presente nesse momento para receber minha gratidão.

À minha mãe, Maria José, que durante toda a vida e durante todo o meu percurso permaneceu ao meu lado concentrando as forças para que eu pudesse chegar a esse momento, sem ela jamais teria como finalizar o curso de Psicologia.

Ao Grupo de Estudos e Pesquisa em Envelhecimento e Saúde (GEPES), em que pude adquirir todo o conhecimento em desenvolvimento científico, mas além disso, toda uma nova visão a respeito do envelhecimento e dos desafios que temos em relação a essa temática no futuro.

A Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) que me acolheu e proporcionou “régua e compasso” para que eu conseguisse fazer o curso superior que tanto desejei. Aos professores que compartilharam conhecimentos nesta formação. Aos funcionários do Curso que sempre apoiam.

Os professores Edivan e Ellis Regina, que abraçaram a leitura cuidadosa e fizeram apontamentos importantes para melhoria deste trabalho.

Por fim, a todos os meus amigos da turma e do curso que me proporcionaram a experiência incrível de tornar-se psicólogo em suas companhias, em especial a Camila, Felipe e Luiza.